

## INDX registra expansão de 2,56% em março

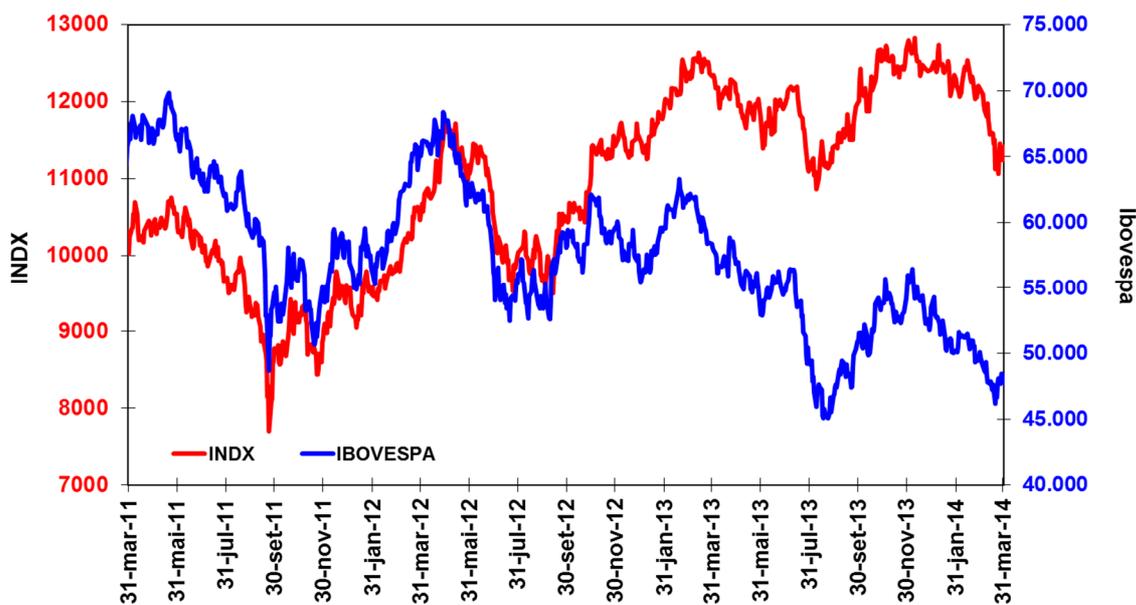
Dados de Março/14

Número 84 – São Paulo

O Índice do Setor Industrial (INDX), composto pelas ações mais representativas do segmento, encerrou o mês de março com avanço de 2,56% em relação a fevereiro, chegando a 11.450 pontos. O índice havia recuado 2,91% no mês imediatamente anterior. Para efeito de comparação, o Índice IBx 50, composto pelas 50 ações mais negociadas na Bovespa, encerrou em 8.515 pontos no mês de março, apontando expansão de 6,82%, ao passo que o Ibovespa atingiu 50.414 pontos, revelando ganho de 7,05%, na mesma base comparativa.

O volume movimentado pelas ações do INDX alcançou R\$ 25,2 bilhões no mês de março, contra R\$ 26,2 bilhões em fevereiro. Este volume representou 20,13% do total negociado na Bovespa no terceiro mês do ano, um aumento de 0,22 ponto percentual em relação ao nível registrado no mês imediatamente anterior.

### Índices de Ações (Março/2014)



Fonte: BOVESPA. Elaboração: FIESP

<b>Evolução dos Fechamentos - Março</b>			
	<b>INDX</b>	<b>IbRX 50</b>	<b>Ibovespa</b>
<b>No mês (T/T-1)</b>	2,56%	6,82%	7,05%
<b>No ano</b>	-8,68%	-2,07%	-2,12%
<b>Em um ano (T/T-12)</b>	-4,44%	-2,83%	-10,54%

Fonte: Bovespa. Elaboração: Fiesp.

No mercado financeiro, as principais bolsas mundiais registraram desempenhos distintos em março. Os resultados positivos deste mês comparado ao mês imediatamente anterior foram: Merval - Argentina (10,19%), Ibovespa – Brasil (7,05%), Dow Jones – EUA (0,83%), S&P 500 – EUA (0,69%). Em sentido contrário: Nikkei - Japão (-0,09%), CAC - França (-0,38%), DAX – Alemanha (-1,40%), Nasdaq – Estados Unidos (-2,53%) e FSTE – Reino Unido (-3,10%); vale ressaltar que as bolsas europeias foram afetadas pela tensão geopolítica entre Rússia e Ucrânia.

Na análise do INDX de março, considerando os preços dos ativos até o dia 31, as ações que apresentaram as maiores variações positivas foram: 1) HBOR3 (15,3%): atuando no setor de Construção e Engenharia; 2) HYPE3 (12,9%): setor de Produtos Diversos; e 3) GRND3 (12,5%): setor de Tecidos, Vestuário e Calçados.

Por outro lado, as maiores variações negativas no mês foram registradas pelas seguintes ações: 1) KLBN4 (-79,9%): setor de Madeira e Papel; 2) INEP4 (-19,0%): setor de Máquinas e Equipamentos; e 3) MAGG3 (-7,9%): setor de Materiais Diversos.

## **Principais notícias divulgadas em Março:**

### **Markit/HSBC: Mercados Emergentes seguem em ritmo de desaceleração em fevereiro**

Nesta quinta-feira (07/03) a Markit/HSBC divulgou o seu Emerging Markets Index (EMI), uma análise mensal derivada dos resultados dos PMI compostos dos países deste grupo. De acordo com o boletim atual, o indicador recuou de 51,4 em janeiro para 51,1 pontos em fevereiro, seguindo em cenário expansivo (acima de 50 pontos), embora em menor ritmo desde setembro e completando o terceiro mês consecutivo de queda. O resultado é puxado pela queda no setor industrial, enquanto que o setor de serviços mostrou leve expansão.

Dentre os BRICS (exceto África do Sul), diferentemente de janeiro, a China foi o único país com PMI composto de produção abaixo de 50 pontos (cenário contracionista da atividade econômica), tendo recuado de 50,8 para 49,8 pontos neste mês de fevereiro, patamar bem inferior ao visto no mesmo mês de 2013, quando atingiu 51,4 pontos. Por outro lado, Brasil (de 49,9 para 50,8 pontos), Índia (de 49,6 para 50,3 pontos) e Rússia (de 49,6 para 50,2 pontos) indicam maior atividade econômica no período, embora em setores diferentes entre os países.

A produção industrial exibiu ritmo de desaceleração em fevereiro, com expansões maiores apenas no Brasil e na Índia. A Rússia mostrou menor ritmo de expansão no setor, ao passo que a China mostrou recuo na produção na passagem de janeiro para fevereiro. Em relação à atividade de serviços, a alta no mês foi observada em todos os países, com ressalva apenas para a Índia, que mostrou menor avanço pelo segundo mês seguido.

Ademais, de acordo com o relatório supramencionado, há poucas esperanças para um retorno rápido dos altos crescimentos aferidos recentemente por estes países. O documento propõe avançar em reformas estruturais para recuperar a competitividade perdida. Por fim, especificamente em relação à China, esta continua sendo uma incógnita quanto à sua mudança de economia impulsionada pelo investimento para consumo

### **Produção industrial cresce 2,9% em janeiro**

A produção industrial brasileira registrou alta de 2,9% em janeiro frente ao mês imediatamente anterior, já expurgados os efeitos sazonais. O crescimento ficou acima das projeções do Depecon/Fiesp e da mediana do mercado, que esperavam uma alta menos acentuada. No

entanto, importante destacar que o resultado de janeiro é insuficiente para devolver as perdas exibidas em novembro (-0,6%) e dezembro (-3,7%) do ano anterior. O resultado foi divulgado na manhã de hoje (11/03) pelo IBGE.

Na comparação com igual mês do ano anterior, a produção física da indústria nacional recuou 2,4% em janeiro de 2014. Por sua vez, o índice acumulado em 12 meses evidencia crescimento de 0,5%, mostrando forte desaceleração em relação ao resultado aferido em dezembro (1,2%).

O avanço na produção na margem teve um perfil disseminado entre os ramos industriais, já que 17 dos 27 segmentos cresceram, com base na série dessazonalizada. Dentre as atividades, as maiores influências positivas partiram de farmacêutica (29,4%), veículos automotores (8,7%) e máquinas e equipamentos (6,4%); vale ressaltar, todavia, que o primeiro setor sofreu retração de 12,3% em dezembro último; o segundo acumulou perda de 23,5% no último trimestre do ano passado; e o terceiro apresentou queda de 9,4% em novembro e dezembro. As seguintes atividades também contribuíram positivamente para a indústria em janeiro: máquinas para escritório e equipamentos de informática (18,2%), material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (7,6%), equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, ópticos e outros (17,5%), borracha e plástico (4,9%), metalurgia básica (2,8%), calçados e artigos de couro (10,7%) e máquinas, aparelhos e materiais elétricos (3,9%). Em contrapartida, fumo (-47,6%), outros produtos químicos (-2,5%), refino de petróleo e produção de álcool (-2,2%) e produtos de metal (-2,7%) exibiram os piores desempenhos dentre os setores avaliados.

Em relação às categorias de uso, ainda na comparação com o mês imediatamente anterior após ajuste sazonal, constata-se que todas as categorias avaliadas apresentaram ganhos. O destaque foi a alta de bens de capital (10,0%), sendo que este crescimento foi o mais intenso desde junho de 1997 e impulsionado pela retomada da produção de caminhões, que havia sido impactada pelas férias coletivas do fim de ano. A categoria de bens de consumo duráveis (3,8%) também apresentou crescimento acima do resultado médio da indústria, recuperando parcialmente o forte recuo registrado no mês anterior (4,4%). Já as categorias de bens de consumo semi e não duráveis (1,2%) e de bens intermediários (1,2%) também registraram taxas positivas nesse mês, embora em menor intensidade.

Em relação à comparação frente ao mesmo mês do ano anterior, a queda de 2,4% na produção indústria de janeiro foi generalizada. Houve recuo em 19 dos 27 setores, 46 dos 76 subsetores e em 57% dos 755 produtos avaliados. Entre as atividades, veículos automotores foi o maior

destaque negativo, com recuo de 14,4%, sendo influenciado pela menor fabricação de automóveis, caminhão-trator para reboques e semirreboques, veículos para transporte de mercadorias e autopeças e motores diesel para caminhões e ônibus. Além deste, impressão e reprodução de gravações (-11,5%), produtos de metal (-8,2%), bebidas (-5,9%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-8,7%), refino de petróleo e produção de álcool (-2,9%) e borracha e plástico (-5,8%) também mostraram queda. Em sentido oposto, as seguintes atividades conseguiram evidenciar maior produção na comparação interanual, a saber: material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (27,8%), máquinas e equipamentos (6,9%), outros equipamentos de transporte (8,2%) e máquinas para escritório e equipamentos de informática (20,5%).

Dentre as categorias de uso, as produções de bens de consumo duráveis (-5,4%), bens de consumo semi e não duráveis (-3,0%) e bens intermediários (-2,7%) voltaram a cair em janeiro, frente ao ano anterior. Por outro lado, a produção de bens de capital, com crescimento de 2,5%, assinalou a única taxa positiva nesta base de comparação. A última categoria foi impulsionada pela maior produção de bens de capital para construção (73,1%), além da base fraca de comparação, visto que em janeiro do ano passado sofreu queda de 31,5%.

Em síntese, a alta da produção da indústria nacional em janeiro deste ano foi maior do que a projetada pelo mercado, mas não foi suficiente para reverter a queda aferida no último bimestre do ano passado. Entre as adversidades, a trajetória de perda de confiança do empresário industrial, bem como os altos índices de estoques, suportam o diagnóstico de baixo desempenho do setor industrial ao longo de 2014.

### **IPCA cresce 0,69% em fevereiro**

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) cresceu 0,69% em fevereiro, de acordo com dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na manhã de hoje (12/03). O resultado ficou pouco acima da expectativa do mercado, que esperava elevação de 0,65%. O índice mostrou aceleração em relação a janeiro, quando o IPCA chegou a 0,55%. Em fevereiro de 2013, a taxa de variação foi de 0,60%. Por sua vez, no acumulado em 12 meses, o IPCA chegou a 5,68%, mostrando aceleração em relação ao mês imediatamente anterior, quando atingiu 5,59% na mesma métrica de comparação.

Dos nove grupos que compõem o IPCA, cinco apresentaram acréscimos no mês de fevereiro: Habitação (0,55% para 0,77%), Artigos de Residência (0,49% para 1,07%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,48% para 0,74%), Comunicação (0,03% para 0,14%) e, por último, Educação (0,57% para 5,97%), sendo este o grande responsável pela elevação do IPCA em fevereiro. Os principais componentes dos grupos que foram responsáveis pelas suas respectivas elevações foram: Aluguel (0,94%), Mobiliário (1,20%), Higiene Pessoal (1,86%), Comunicação (0,14%) e Cursos Regulares (7,64%).

Por sua vez, os grupos que sofreram decréscimos foram: Alimentação e Bebidas (0,84% para 0,56%), Vestuário (-0,15% para -0,40%), Transportes (-0,03% para 0,05%) e Despesas Pessoais (1,72% para 0,69%). Já os principais itens que impactaram em seus respectivos grupos foram: Leite longa vida (-3,65%), Roupas Femininas (-0,67%), Transporte Público (-1,66%) e Serviços Pessoais (1,19%).

Dentre os treze índices regionais, quatro sofreram acréscimos: Rio de Janeiro (0,50% para 1,07%), São Paulo (0,53% para 0,97%), Belo Horizonte (0,65% para 0,73%) e Campo Grande (0,41% para 0,66%). Juntas, essas quatro regiões representam 55,1% do peso nacional. No sentido oposto, as sete regiões seguintes sofreram decréscimo: Salvador (0,71% para 0,48%), Porto Alegre (0,53% para 0,46%), Goiânia (0,61% para 0,39%), Belém (0,50 para 0,38%), Curitiba (0,77% para 0,37%), Fortaleza (0,45% para 0,19%) e Brasília (-0,07% para -0,12%). Na variação acumulada em 12 meses, os maiores índices ocorreram no Rio de Janeiro (6,80%) e Recife (6,06%), enquanto que Brasília (4,48%) e Salvador (4,68%) apresentaram as menores variações.

### **Zona do Euro: Produção Industrial recua 0,2% em janeiro**

A Eurostat (Departamento Oficial de Estatística da União Europeia) divulgou os dados do setor industrial da região nesta quarta-feira (12/03). De acordo com o departamento, a produção industrial da Zona do Euro recuou 0,2% na passagem de dezembro para janeiro, após ter sofrido queda 0,4% na última leitura – dados já expurgados de sazonalidades. Vale mencionar que, para a União Europeia como um todo, foi visto avanço de 0,1% em janeiro.

A queda em janeiro na produção industrial da Zona do Euro é explicada pela redução de 2,5 % na produção energética, seguida de queda de 0,6 % na produção de bens duráveis e retração de 0,9% para os não duráveis. Já a produção de bens intermediários apresentou ligeira queda (-

0,1%), enquanto que as produções de bens de consumo não duráveis e bens de capital avançaram no período, em 0,4% e 0,9%, respectivamente.

Dentre os países-membros, destaque pela expressiva queda na atividade da indústria da Letônia (-10,7%), que entrou este ano para a Zona do Euro, seguido por Holanda (-6,4%), Finlândia (-3,4%) e Lituânia (-2,8%). A França (-0,3%) também apresentou recuo na produção em janeiro, enquanto que a Alemanha apresentou alta de 0,4%. A maior alta da região foi exibida pela Estônia (4,3%), que devolveu a queda aferida no mês precedente (-4,2%).

### **Produção industrial chinesa cresce 8,6% no primeiro bimestre**

Na manhã desta quinta-feira (13/03) o NBS (National Bureau of Statistics of China, o órgão estatístico do país) divulgou o resultado bimestral da indústria. De acordo com a leitura, o setor exibiu crescimento de 8,6% no bimestre de janeiro e fevereiro frente ao mesmo período do ano passado. O resultado frustrou as expectativas do mercado, que esperava crescimento de 9,5%. Vale ressaltar que o crescimento é o menor desde o registrado em abril de 2009 (7,3%), mostrando desaceleração da atividade fabril no início de 2014. Na comparação mensal, o setor apresentou crescimento de 0,61% entre janeiro e fevereiro.

O órgão também divulgou hoje os resultados do varejo, que registrou crescimento de 11,8% no bimestre, novamente abaixo das expectativas do mercado, em torno de 13,0%. Além desta, os investimentos urbanos também mostraram baixo desempenho, visto que se aguardava elevação de 19,4%, entretanto, observou-se alta de 17,9% neste primeiro bimestre, o menor crescimento dos últimos onze anos.

Em suma, a atividade econômica chinesa mostrou significativa desaceleração no início deste ano e sinaliza menor crescimento para 2014. Importante mencionar o período de feriado de Ano Novo Lunar, que impactou diretamente o desempenho da economia no período.

### **Atividade Econômica do Banco Central cresce 1,26% em janeiro**

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), proxy mensal para o PIB, apresentou crescimento de 1,26% na passagem de dezembro para janeiro na série dessazonalizada, resultado superior ao projetado pelo Depecon/FIESP (0,9%) e da mediana do mercado (1,0%).

Apesar do crescimento no mês, o índice foi incapaz de anular a queda aferida nos dois meses anteriores (-0,35% em novembro e -1,40% em dezembro).

Na comparação interanual, o índice exibiu aceleração frente ao resultado de dezembro, visto que sua taxa de crescimento quando comparado a igual mês do ano anterior passou de 0,71% para 0,93%, mas significativamente inferior ao resultado registrado em janeiro de 2013 (3,84%) na mesma base de comparação. Em relação ao acumulado em 12 meses, o IBC-Br mostrou desaceleração ao passar de 2,52% em dezembro para 2,29% nesta última leitura.

A alta do IBC-Br em janeiro foi influenciada pelo crescimento de 2,9% da produção industrial, bem como a elevação de 2,1% das vendas no varejo ampliado, impulsionados em boa medida pelos aumentos na margem da produção industrial de veículos automotores e pelas vendas de veículos e motos, partes e peças, respectivamente.

### **Confiança da Indústria recua em março**

O Índice de Confiança da Indústria (ICI) apresentou recuo de 2,3% em março, de acordo com dados divulgados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) na manhã de hoje (27/03). O ICI passou de 98,5 para 96,2 pontos, dados já ajustados sazonalmente. O patamar atual mostra-se o menor desde junho de 2009 e constata um recuo mais forte frente ao apurado pela prévia, que apresentava uma queda de 1,7%. Com isso, espera-se um resultado ruim para a produção industrial em março.

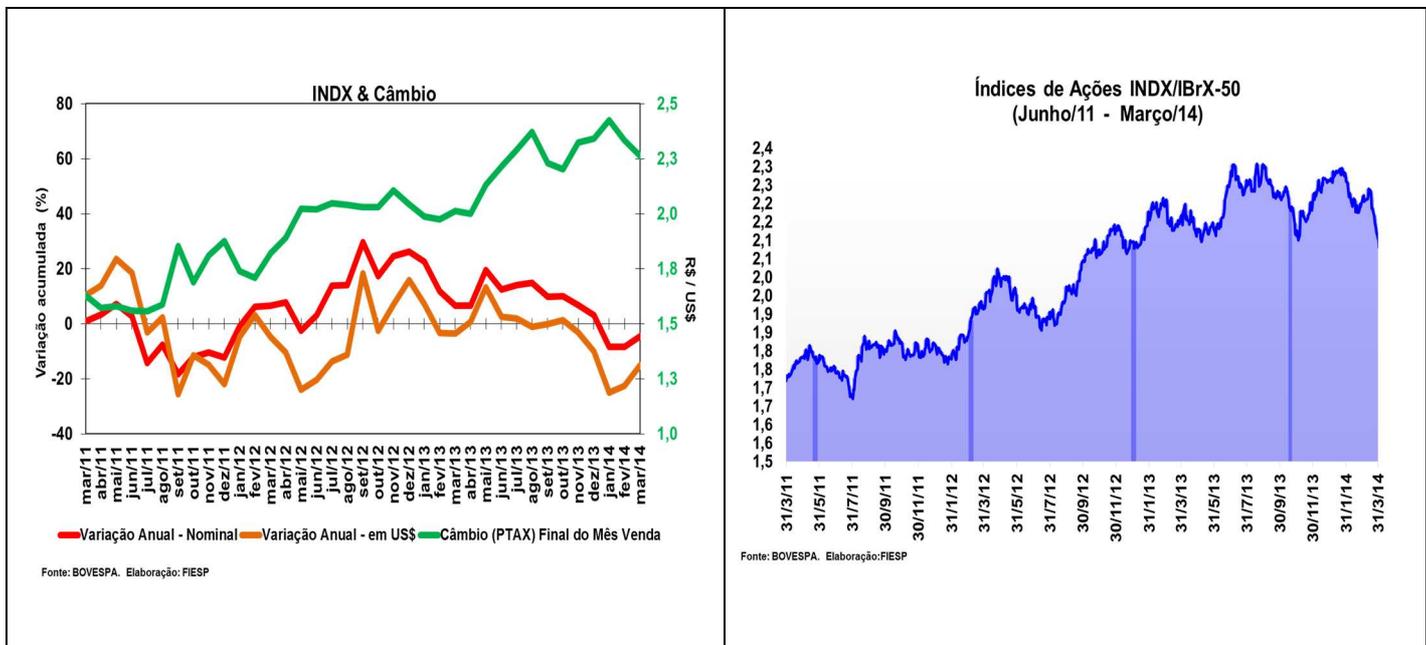
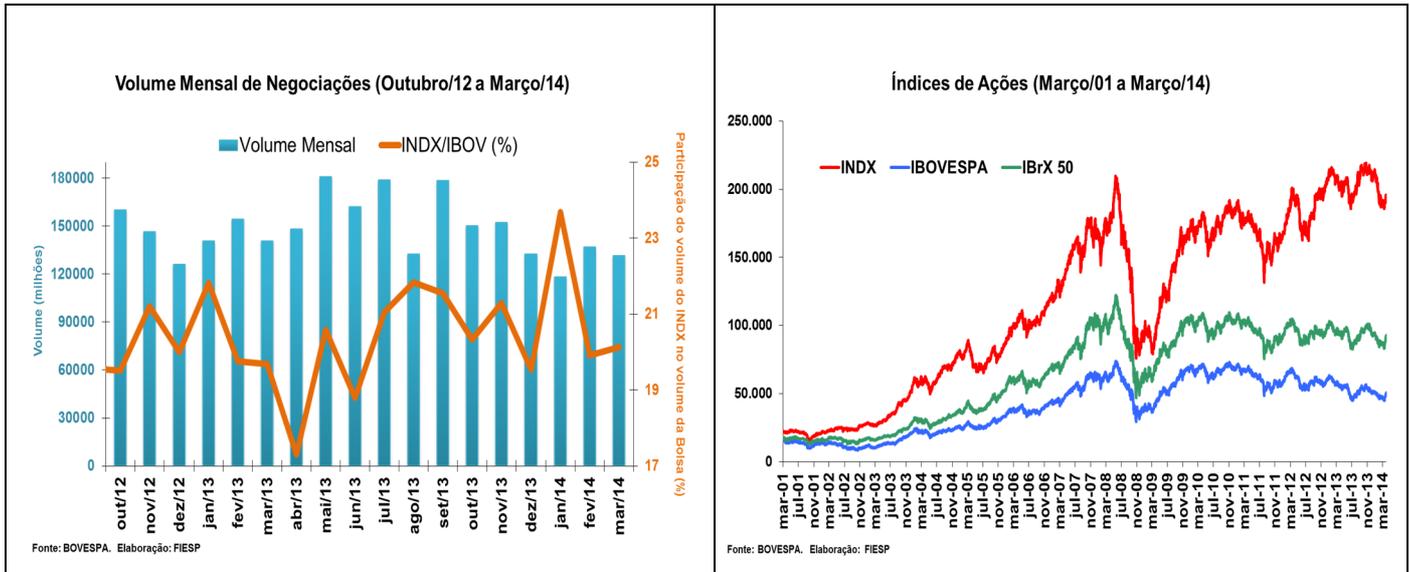
O Índice de Situação Atual (ISA), principal responsável pela queda do ICI, registrou declínio de 3,0% em março, ao passar de 99,6 para 96,6 pontos, já expurgados os efeitos sazonais. Já a queda no Índice de Expectativas (IE) não se mostrou tão abrupta quanto o resultado do ISA, de 97,4 para 95,8 pontos, também considerando os ajustes sazonais.

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) sofreu leve queda, de 84,6% para 84,4% entre fevereiro e março, na série ajustada sazonalmente, no entanto, o patamar atual está acima da média histórica de 5 anos, que se situa em 83,8%. Em fevereiro de 2013, o NUCI se encontrava em 84,1%.

A proporção de empresas que se avalia com nível forte de demanda caiu de 10,9% para 8,0% em março, enquanto que houve aumento da parcela de empresas que se considera em um nível fraco

de demanda, ao passar de 14,1% para 15,1% de fevereiro para março. Quanto às expectativas futuras, houve também uma diminuição na proporção de empresas que preveem uma melhora da produção no próximo trimestre, já que esta passou de 35,8% para 30,9% em março. Já a perspectiva de piora na produção teve um leve aumento ao passar de 11,0% em fevereiro para 11,4% em março. Os dados reforçam o diagnóstico de baixo dinamismo da indústria neste começo de 2014.

### Anexo: Gráficos e tabelas complementares



<b>CORRELAÇÃO</b>	<b>INDX</b>	<b>IBOVESPA</b>	<b>IBRX 50</b>
<b>INDX</b>	1.00		
<b>IBOVESPA</b>	0.88	1.00	
<b>IBRX 50</b>	0.32	0.32	1.00

<b>BETA</b>		
INDX C/ IBOV		0.73
INDX C/ IBRX50		0.10
IBRX 50 C/IBOV		0.88

<b>VOLATILIDADE</b>	<b>INDX</b>	
	IBOVESPA	24.80
	IBRX 50	29.79
		81.23

(período 30/12/1999 - 15/04/2014)

As informações contidas neste documento são publicadas apenas para auxiliar os usuários, podem não ser adequadas aos objetivos de investimentos específicos, situação financeira ou necessidades individuais dos receptores e não devem ser considerados em substituição a um julgamento próprio e independente do investidor. Por ter sido baseado em informações tidas como confiáveis e de boa fé, não há nenhuma garantia de serem precisas, completas, imparciais ou corretas. As opiniões, projeções, suposições, estimativas, avaliações e eventuais preço(s) alvo(s) contidos no presente material referem-se a data indicada e estão sujeitos a alterações a qualquer tempo sem aviso prévio. Este documento não é, e não deve ser interpretado como, uma oferta de venda ou solicitação de uma oferta de compra de qualquer título ou valor mobiliário. Nem a FIESP e nem qualquer sociedade por ela controlada ou a ela coligada podem estar sujeitas a qualquer dano direto, indireto, especial, secundário, significativo, punitivo ou exemplar, incluindo prejuízos provenientes de qualquer maneira, da informação contida neste material. Este material é para uso exclusivo de seus receptores e seu conteúdo não pode ser reproduzido, redistribuído publicado ou copiado de qualquer forma, integral ou parcialmente, sem a expressa autorização prévia da FIESP.